

## **A DOCÊNCIA EM FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO A PARTIR DAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES NACIONAIS DE FILOSOFIA.**

*Marcos Marcílio dos Santos (PIBID/FILOSOFIA/UEPB)*

*email: [marcilio.uepb@gmail.com](mailto:marcilio.uepb@gmail.com)*

*Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Valmir Pereira (DFCS/UEPB)*

*email: [mandaprovalmir@gmail.com](mailto:mandaprovalmir@gmail.com)*

O presente texto tem como finalidade oferecer uma análise das OCN/Filosofia, tendo em vista compreender a docência em Filosofia e o papel do professor de Filosofia no Ensino Médio, bem como apresentar uma leitura sobre a ação da Filosofia e seu Ensino a partir de sua especificidade.

Está fora de propósito dar respostas completas a tais questões que porventura venham a surgir. O que se pretende é apenas delinear um campo em que elas possam ser entendidas em sua complexidade, de modo que consigamos observar por um meio apropriado, se não um meio de nos esbaldarmos no otimismo, ao menos uma alternativa ao pessimismo paralisante.

No decurso da história do ensino da Filosofia é possível observar posturas sobre o ensino da filosofia que de certo modo tendem a desprezar sua prática, como por exemplo, Abelardo no século XII, considerado um exímio professor, afirmava que foi devido à intolerável pobreza que em certa ocasião o levou ao regime escolar. Schopenhauer, no século XIX, apontava para a oposição entre o filósofo e o professor de filosofia.

De acordo com Felipe Ceppas o contexto de ensino de filosofia ocorre de um problema que se encontra nos inícios da chamada filosofia no Brasil, o que implica dizer que a formação do professor de filosofia e a filosofia no Brasil foram marcados por um esforço dessa aclimação da razão nos trópicos, onde sua transmissão se deu no rol dos especialistas, ou de um redivivo entusiasmo pedagógico, populista e rastaquera.

Ainda segundo CEPPAS (2010), o ensino de filosofia no nível médio foi quase sempre pensado em nossa cultura, do Ratio Studiorum aos Parâmetros Curriculares Nacionais, como parte de um projeto maior de desasnar as crianças, elevando-as ao nível da cultura letrada e preparando-as para o exercício da cidadania. Sendo raros aqueles que por outro lado tematizaram as armadilhas que se escondem nesses projetos cheios de boas intenções.

Contudo, temos desde Sócrates uma longa tradição que assinala para um imbricamento entre a filosofia e seu ensino, e neste sentido a questão de fundo é o que se ensina e como se ensina e qual a finalidade deste ensino, neste caso especificamente a filosofia, objeto de nossa reflexão.

De acordo com a OCN de Filosofia o professor deverá considerar na sua construção de identidade como docente de filosofia uma reflexão em torno do problema filosófico “o que é filosofia?”, sendo esta resposta dada a partir de um determinado modo de filosofar que considere justificado. De fato lemos:

Em suma, a resposta de cada professor de Filosofia do ensino médio à pergunta “que filosofia?” sempre dependerá da opção por um modo determinado de filosofar que considere justificado. Aliás, é relevante que ele tenha feito uma escolha categorial e axiológica a partir da qual lê o mundo, pensa e ensina. Isso só tende a reforçar sua credibilidade como professor de Filosofia, uma vez que não lhe falta um padrão, um fundamento a partir do qual pode dar início a qualquer esboço de crítica. (BRASIL, 2006, p. 24)

Outrossim, percebemos nestes documentos oficiais a necessidade objetiva de que o professor de filosofia deve construir sua identidade enquanto agente que porta e atua dentro de um saber sistematizado e histórico no qual a filosofia se constitui. Portanto, fica evidente que a identidade da filosofia fica atrelada à própria construção da identidade do professor de filosofia.

Portanto, o futuro docente deve ser formado em princípios que permitam enfrentar sua própria prática docente, o que significa deixar às claras os referenciais teóricos imanentes ao ensino de filosofia. Assim como o professor precisa optar por um modo de filosofar é salutar que o mesmo defina a sua concepção de ser humano, haja vista que os documentos oficiais trazem em seus esboços suas concepções éticas, políticas, morais e de ser humano, assim sendo, o professor precisa considerar a especificidade da filosofia e seu ensino para que possa delinear sua prática de ensino.

Ademais, a OCN de Filosofia traz ainda em seu escopo, um elemento fundamental que se faz presente nas salas de aula, a metodologia que de longe parece ser um problema de fácil resolução no enfrentamento do ensino de filosofia. Para Ceppas (2010), a metodologia deve partir da questão cardeal “o que é filosofia?”, e assumir um posicionamento sobre o que é filosofia é adentrar no

terreno da especificidade da filosofia, enfim é refletir e estabelecer um posicionamento plausível sobre a identidade e a diferença da filosofia.

Tendo claro os pressupostos que sinalizam para um determinado tipo de metodologia que o documento aponta brevemente sem um maior aprofundamento, a mesma deve ter sua especificidade a luz da especificidade da filosofia, assim sinaliza o documento:

Assim, uma metodologia para o ensino da Filosofia deve considerar igualmente aquilo que é peculiar a ela e o conteúdo específico que estará sendo trabalhado. [...] a metodologia mais utilizada nas aulas de Filosofia é, de longe, a aula expositiva, muitas vezes com o apoio do debate ou de trabalhos em grupo. A grande maioria dos professores adota os livros didáticos (manuais) ou compõe apostilas com formato semelhante ao do livro didático; mesmo assim, valem-se da aula expositiva em virtude da falta de recursos mais ricos e de textos adequados [...] é possível dizer que a metodologia mais empregada no ensino de Filosofia destoa da concepção de ensino de Filosofia que se pretende. (BRASIL, 2006, p. 36)

Na atualidade moderna, surge a grande necessidade de instruir e educar grandes massas da sociedade, tendo como objetivo oferecer uma formação geral para o mercado de trabalho. Este tipo de ensino é marcadamente técnico, seguindo uma racionalidade da produção industrial. Assim sendo, a educação é vista e pensada por especialistas que desenvolvem seus currículos e matérias onde os professores precisam apenas executá-los.

Destarte, na filosofia esta racionalidade técnica não produz aquilo que a filosofia preconiza em sua especificidade, devendo levar em conta diferenças em sua maturação afetiva e intelectual, e, sobretudo as diferenças culturais e sociais, haja vista que o “micro-contexto escolar” e o “macro-contexto social” refletem nas aulas e incidem ativamente nos processos de ensino e aprendizagem.

Outrossim, na formação do professor de filosofia não basta aprender uma série de dicas ou utilizar-se da criatividade apoiado por manuais tendo em vista uma melhor atuação na sala de aula e conseqüentemente garantir o aprendizado do aluno, de uma matéria que apenas conhece. É necessário que este seja capaz de produzir ou realizar algo em sua disciplina devendo ser formado em princípios que lhe permitam enfrentar criticamente sua prática docente.

Neste sentido como aponta Obiols (2002, p.117) “a identidade do professor de Filosofia é marcada não só pelo ensino de filosofia, mas, sobretudo pela sua produção filosófica como atividade intrínseca ao ser de professor de Filosofia”. Destarte, é evidente que uma formação sólida se faz necessária para o docente em filosofia, afinal o professor desta disciplina lida com idéias, e por esta razão ele precisa considerar a pluralidade de pensamentos e conhecimentos a sua volta, não bastando para isto uma série de destrezas, mas, sobretudo que seja alguém capaz de realizar uma prática ou produção em sua disciplina.

O enfoque prático e a concepção que faz do professor não um simples instrutor, mas um pesquisador ou um produtor em sua disciplina, ao contrário, é compatível com as melhores tradições da educação filosófica, aquelas que não separam o professor do filósofo [...]. (OBIOLS, 2002, p. 117)

Neste ponto a OCN/Filosofia (2006), aponta para o objetivo a ser alcançado pelo professor de Filosofia ao fim de sua graduação, devendo estar habilitado para enfrentar com sucesso os desafios e dificuldades relativos à tarefa de despertar os jovens para a reflexão filosófica, além de transmitir aos alunos do ensino médio o legado da tradição e o gosto pelo pensamento inovador, crítico e independente, porém sem perder de vista a especificidade da filosofia.

Nem sempre uma melhor formação é garantia de um bom trabalho na sala de aula, pois o espaço que o futuro professor vai atuar não oferece as condições necessárias para o exercício de sua profissão. Acrescenta - se a estes elementos, falta de estrutura nas escolas, resistência dos alunos, quantidade excessiva de alunos por sala, baixos salários e jornadas extensas dentre outras adversidades que acabam por prejudicar sua atividade docente.

A guisa de conclusão percebe-se que é grande o desafio no que se refere à docência em filosofia, num mundo marcado pelo excesso de informação não somos levados a refletir sobre o que está sendo posto na realidade, isso evidentemente chega a sala de aula onde o professor é desafiado a acompanhar este ritmo.

No entanto, é possível perceber que está se abrindo para o ensino de filosofia um novo tempo e é na sala de aula que temos um lugar de liberdade que dura 50 minutos, no qual constitui seu espaço e tempo onde se desenrola sua profissão e

que precisam ser aproveitados o máximo possível, pois é seu compromisso político manifesto na especificidade de sua profissão do qual ele não pode se furtar.

O que podemos aferir a partir da leitura das Orientações Curriculares para Filosofia, é que temos um campo aberto e desafiador que vai desde a consolidação do ensino de Filosofia no ensino médio público até a formação dos futuros professores desta disciplina, no tocante a formação na graduação como indicado nos documentos oficiais é imperativo que o professor de filosofia deva ser também, um produtor de filosofia.

Ainda segundo o documento, é imprescindível que se leve em conta a especificidade da filosofia, pois cabe à filosofia a capacidade de reflexão, de análise, de reconstrução racional e de crítica, elementos essenciais para a formação de sujeitos verdadeiramente emancipados; individual e coletivamente.

Então, que possamos fazer pelos nossos alunos e pela Filosofia tudo o que podemos fazer hoje.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

\_\_\_\_\_BRASIL, Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. V.3 Ciências Humanas e suas tecnologias. Brasília - DF, 2006.

\_\_\_\_\_CEPPAS, Felipe. Anotações sobre a história do Ensino de filosofia no Brasil. Coleção Explorando o Ensino; v. 14. Brasília 2010. p. 171 – 184.

\_\_\_\_\_OBÍOLS, Guilherme. Uma introdução ao ensino da filosofia: Trad. Silvio Gallo – Ijuí: Ed. Unijui, 2002.